

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

CH. DEPÉRET — *Dolichopithecus arvernensis* Depéret — «Travaux du Lab. de Géol. de la Fac. des Sc. de Lyon», fasc. XV, mém. 12. Lyon, 1929.

É o último trabalho elaborado pelo eminente paleontologista francês e saiu já em edição póstuma, feita pelos cuidados do seu colaborador de muitos anos prof. F. Roman, como é conhecido entre nós pelos seus estudos de paleontologia portuguesa.

Trata-se da descrição duma espécie nova de Catarrínio, descoberta há perto de cinco anos nos depósitos flúvio-vulcânicos do plioceno superior de Senèze (Alto Loire) por M. Philis, em escavações mandadas fazer pelo saudável professor. Os documentos encontrados são um crânio e uma mandíbula, que o A. descreveu minuciosamente e comparou com outras formas pitecóides, com a sua altíssima proficiência de paleontologista.

Para o prof. Depéret, *Dolichopithecus arvernensis* seria um descendente directo do *D. ruscinensis*, espécie cujo conhecimento se lhe deve também. A transformação teria sobretudo incidido na estatura, que no *D. arvernensis* aumentou, e na especialização maior do alongamento da face. Este ramo filético é, porém, — até agora — especial do plioceno, não tendo raiz conhecida no mioceno e não possuindo descendentes após o plioceno.

O Laboratório de Geologia de Lyon publicou, com esta valiosa brochura, o retrato do falecido professor e, numa expressiva *plaque*, reproduziu os discursos pronunciados no seu funeral por altas individualidades científicas. É uma justa homenagem ao Mestre saudável, que na publicação que analisamos, revelava ainda toda a pujança das suas faculdades e do seu saber. A sua morte súbita veio interromper brutalmente um labor fecundo e porfiado, que honrou a ciência francesa e a Universidade de Lyon.

MENDES CORRÊA.

---

HERMANN LAUTENSACH — *Die eiszeitliche Vergletscherung der Serra da Estrela (Portugal) und ihr Formenschatz* — «Verhandlungen und Wissenschaftliche Abhandlungen des 23. Deutschen Geographentages zu Magdeburg 21, bis 23. Mai 1929». Breslau, 1929; *Eiszeitstudien in der Serra da Estrela (Portugal)* — «Zeitschrift für Gletscherkunde», bd. XVII. Berlin, 1929.

O dr. Lautensach, «privat-dozent» em Giessen, fez em Portugal investigações geográficas de grande interesse. Uma parte delas refere-se à costa marítima do nosso território metropolitano e constituiu já o assunto duma importante monografia anterior. Outras suas investigações, não menos interessantes, dizem respeito às glaciações quaternárias da Serra da Estrêla, assunto de que, entre nós, se ocuparam Frederico de Vasconcelos, Nery Delgado e, mais recentemente, o prof. Fleury, do Instituto Superior Técnico.

O A., que, nos seus trabalhos, mostra um conhecimento perfeito da bibliografia portuguesa, expõe os resultados daqueles autores e modifica ou amplia êsses resultados com os das suas próprias investigações. As presentes memórias são acompanhadas de quadros, gráficos, cartas e fotografias originais, que permitem ajuizar da extensão, importância e efeitos das glaciações pleistocenas na mais alta serra de Portugal.

Não daremos, sequer em síntese, as importantes conclusões do dr. Lautensach. Queremos apenas chamar a atenção dos portugueses cultos para estes trabalhos que fornecem novos materiais para o conhecimento dum dos capítulos mais interessantes da nossa paleogeografia.

Registe-se que na vizinha Espanha os estudos glaciológicos tem tomado grande desenvolvimento e interessam numerosos investigadores. Se é certo que, pela menor extensão territorial e pelas condições climáticas do nosso país, não se deve esperar, entre nós, igual intensidade desses estudos, nem porisso as glaciações quaternárias portuguesas são de somenos interesse. Os trabalhos do dr. Lautensach veem enriquecer notavelmente a escassa bibliografia sobre a matéria.

M. C.

JOSÉ PÉREZ DE BARRADAS — *Estudios sobre el terreno cuaternario del Valle del Manzanares (Madrid)* — 135 págs., LIV ests. e 2 mapas geológicos a cores. Madrid, 1926.

Esta importante Memória foi publicada pelo Ayuntamiento de Madrid, por ocasião do XIV Congresso Internacional de Geologia reunido em Madrid.

Depois duma introdução geográfica e geológica, são estabelecidos rigorosamente os limites dos terrenos terciários e quaternários.

O estudo minucioso de numerosos cortes e das estações paleolíticas é feito com uma extraordinária profusão de gravuras e abundante bibliografia, constituindo uma excelente obra de consulta.

R. DE SERPA PINTO.

R. BIASUTTI — *L'utilizzazione preistorica delle grotte da parte dell'Uomo e la storia della loro evoluzione fisica* — Extr. da «Rivista Geografica Italiana». Firenze, 1930.

Os estudos espeleológicos em Itália entraram, de há alguns anos a esta parte, numa fase não só de grande actividade mas também de mais segura interpretação dos factos, graças aos progressos da paleontologia e dos métodos de exploração.

O eminente geógrafo, antropólogo e prehistoriador, prof. Renato Biasutti, faz na nota a que se refere esta análise, uma exposição sumária das novas orientações nos estudos espeleológicos italianos e ocupa-se em seguida, dum modo geral, do trogloditismo humano, tão frequente nas épocas prehistóricas, muito raro na actualidade. Examina o assunto sob os pontos de vista estatístico, cronológico, climático, etc. Na sua opinião, as razões de defeza contra as feras e contra as intempéries explicam o fenómeno em graus diversos segundo as épocas, mas a menor proporcão de cavernas habitadas em certos períodos explica-se também pelo menor número delas e sobretudo das habitáveis. Assim, a evolução física das cavidades subterrâneas tem de ser considerada num estudo do trogloditismo.

M. C.

**Manuel de recherches préhistoriques** — Publié par la Société Pré-historique Française — 416 págs., 161 figs. e XXXIV ests., 3 quadros desdobráveis. 2.<sup>a</sup> ed. Paris, 1929.

Divide-se em duas partes, relativas à técnica geral e especial a seguir nos estudos prehistóricos, ilustradas com centenas de gravuras.

Ainda que bastante elementar em alguns assuntos, este Manual, compilado por Ed. Hue, pode prestar bom serviço quando se não dispuser de artigos especializados, que deviam figurar numa lista bibliográfica. (Ver «Trabalhos», IV, pág. 196).

R. S. P.

**CARL SCHUCHHARDT — Alteuropa, eine Vorgeschichte unseres Erdteils** — 2.<sup>a</sup> ed., 307 págs., 164 figs. e 42 ests. Leipzig, 1926.

Apesar do valor real da obra, reflexo do estudo directo das fontes, merecem reparo as ligeiras e escassas referências a Portugal (págs. 39, 51, 63 e 273).

Só as casas circulares de *Briteiros* e *Sabroso* (fig. 19) chamam imperfeitamente a atenção do A. (págs. 54 e 79), que as relaciona com os *talayots* baleáricos. A cabana moderna de Montignac (est. XIII), e o portal do *nuraghe* de S. Vittoria di Serri (fig. 36), fornecem importantes elementos de comparação para o seu estudo.

Os ídolos tessálicos e malteses reproduzidos na fig. 44 e est. XX permitem-nos dar uma nova interpretação aos ídolos cilíndricos portugueses, que, em alguns casos, seriam apenas as cabeças de figuras com o tronco de barro ou de pedra.

R. S. P.

**GEORGE GRANT MAC CURDY — Old-World Prehistory in retrospect and prospect** — Repr. from the Proceedings of the Amer. Philosophical Soc. — Vol. LXVIII, n.º 2, págs. 95-106. Lancaster, 1929.

Recorda-se que a Prehistória está no comêço do seu desenvolvimento, ainda que passe em 1930 o centenário da proposição dum sistema de cronologia prehistórica por Thomsen.

A-par da evocação do trabalho dos primeiros prehistoriadores, encontram-se precisas reflexões sobre o sentido da Prehistória e os factos adquiridos.

No «Bulletin of the American School of Prehistoric Research» (v, pág. 11, New Haven, 1929) publica o A. um artigo sobre o mesmo assunto, intitulado: *The past, present, and future of Old-World Prehistory*.

R. S. P.

**JOSÉ R. MÉLIDA — Arqueologia española** — 418 págs., 210 figs., XXXII ests. a negro e 4 policromas. Col. Labor., n.ºs 189-190. Barcelona, 1929.

Valiosa obra de conjunto sobre a arqueologia peninsular, que, pela documentação gráfica excederia o quadro dum simples livro de vulgarização se a bibliografia fôsse mais completa, pois assim é difícil verificar algumas referências.

São especialmente cuidados os capítulos sobre a idade do ferro (144 págs.) e época romana (124 págs.). O último representa um trabalho de mão de mestre, e prestará grandes serviços por constituir uma síntese que fazia falta, e em que o texto acompanha seguramente as gravuras.

R. S. P.

**HUGO OBERMAIER — El paleolítico del Marruecos español** — Extr. do «Boletín de la R. Soc. Española de Historia Natural», t. XXVIII, 1928, págs. 269-272. Madrid, 1928.

Deve-se aos ilustres prehistoriadores H. Obermaier e Perez de Barradas o estudo, em novos moldes, do paleolítico peninsular, relacionando-o com as culturas africanas.

Em *Die Kleinafrikanische Felskunst im Lichte der Vorgeschichtsforschung* (Hadschra Maktuba, München, 1925), e *El paleolítico del Africa menor* (Madrid, 1927) tinha já o prof. Obermaier examinado o paleolítico inferior e superior e a arte rupestre da África setentrional, com uma extensa bibliografia. A falta de elementos sobre o protectorado espanhol animou-o a uma visita de estudo às regiões costeiras, cujos fructuosos resultados apresenta nesta nota preliminar.

Além da esperança de futuras descobertas líticas e de arte rupestre, ficou assegurada a existência de indústrias do chelense, acheulense, mustierense, capsense antigo e superior, que colocam este território num lugar de destaque, natural por se tratar de um

«gran punto de convergencia de las corrientes migratorias y culturales de aquellos tiempos primitivos, que procedentes del Nordeste africano, se dirigían por el Estrecho de Gibraltar a Europa, y de las que a su vez, procedentes de nuestra Península, pasaban al Continente Negro».

R. S. P.

K. ABSOLON — *New finds of fossil human skeletons in Moravia* — J. MATIEGKA — *The skull of the fossil man Brno III and the cast of its interior* — Sep. de «*Anthropologie*». VII, págs. 79-107, figs. e ests. inums. Prague, 1929.

Os restos humanos da raça aurignacense da Moravia, descobertos no loess de Vestonice, Predmost e Brno, são o resultado das metódicas investigações do prof. Absolon e dos seus colaboradores.

A estação de *Vestonice*, que se revela como uma das mais ricas do mundo, deu cinco dentes, um crânio cortado em forma de taça e fragmentos dum esqueleto infantil.

Os restos do esqueleto encontrado em *Predmost* teem vestígios de descarnamento, provando o canibalismo prehistórico.

O prof. Matiegka descreve cuidadosamente o crânio dum esqueleto quasi completo (Brno III), que fornece valiosos elementos para o estudo da raça de *Brno*.

R. S. P.

COMMANDANT BÉNARD LE PONTOIS — *Le Finistère préhistorique* — Publ. do Instituto Internacional de Antropologia (n.º 3). 1 vol. de 337 págs., 374 figs. e várias cartas. Paris, 1929.

Seria um lapso imperdoável não registar, com o devido elogio, numa revista portuguesa como a nossa, uma publicação tão importante sobre a prehistória bretã, pois, a ém do interesse geral deste livro, êle possui para nós também o alto interesse especial que resulta da existência averiguada de relações ante-históricas entre Portugal e a Bretanha.

O sr. comandante Bénard le Pontois, que sucedeu ao saído dr. Capitan no secretariado do Instituto Internacional de Antropologia e na regência da sua cátedra da Escola de Antropologia de Paris, é uma individualidade dum ampla cultura e de distintas

faculdades de investigação científica. O seu livro, como no prefácio escreveu justificadamente o dr. Capitan, é cheio de ideias e factos inéditos, moderno nos métodos, dum documentação precisa e abundante.

Estudou-se nesse volume sucessivamente a geologia e fisiografia da Bretanha, a sua mais remota ocupação humana, o neolítico da região, a era monumental, a idade do bronze e a idade do ferro, até ao final da independência gaulesa. É impossível nesta notícia sumária acompanhar a exposição cuidada e sugestiva do autor através dum estudo tão rico e detalhado. Salientaremos o interesse particular que para nós possuem os capítulos sobre os «*Kjökkenmøddings*» sobre os megálitos e sobre a época do bronze na Bretanha. O autor foca as afinidades entre os «*Kjökkenmøddings*» bretões e os de Muge. A respeito dos megálitos, expõe pontos de vista originaes sobre a sua significação. Pelo que diz respeito às comparações com Portugal, a informação bibliográfica é, porém, pouco extensa e um tanto antiquada. Na sua recente visita ao nosso país — visita que se renovará, com o maior júbilo dos seus amigos portugueses, no próximo Congresso — o sr. comandante Bénard interessou-se de-veras pelas nossas colecções e pela bibliografia portuguesa recente.

Teem também grande interesse as considerações do autor sobre a Atlântida e sobre a ampliação do domínio marinho nas costas bretãs. Não deixaremos de lamentar que na bibliografia da Atlântida faltem alguns trabalhos científicos, como os de Lucas Navarro, Mahoudeau, Couissin, vários de L. Germain, etc., etc., e seja, por exemplo, citado o livrito de Roger Devigne, que não tem nenhum valor científico.

Longe de mim com estes pequenos reparos pretender diminuir o mérito real do livro do sr. comandante Bénard. Como disse no princípio desta breve análise, entendo mesmo que se trata dum importante trabalho que não interessa apenas ao estudo da prehistória geral e da prehistória bretã, mas que deve ser constantemente compulsado pelos investigadores peninsulares da especialidade.

Documentação regional rica, muitas ilustrações, desenhos e cartas, minúcia, originalidade, método, são factos que distinguem o livro em questão, tornando o seu ilustre autor digno de rasgado encómio.

M. C.

NICOLAI NIC. MOROSAN — *O Statiune paleoliticé în Dobrogea-Topalu* — Memórias da Academia Romena. Bucarest, 1928.

O autor, licenciado em Ciências Naturais e investigador do Laboratório de Geologia e Antropologia da Universidade de Jassy, estuda neste trabalho uma estação paleolítica que descobriu na região de Topalu, no Dubrudja. É uma gruta, em parte obstruída por depósitos em que o autor encontrou restos de fauna e indústria atribuíveis ao pleistoceno superior.

A fauna identificada é a seguinte: *Elephas* sp.; *Equus caballus fossilis*; *Cervus* cf. *megaceros*; *Cervus* sp.; *Bos* cf. *priscus*, carnívoros vários, etc.

A indústria, pouco abundante e constituída por objectos de pedra e osso, é por êle referida à época aurignacense. Um bom resumo em francês e boas figuras facilitam a compreensão deste trabalho a quem não conheça ou conheça mal a língua romena.

M. C.

NICOLAI NIC. MOROSAN — *Noi contributiuni preistorice asupra Basarabiei de Nord* — Memórias da Academia Romena. Bucarest, 1929.

Resenha dos resultados de explorações prehistóricas, realizadas no verão de 1928, sobretudo na Bessarábia do norte, particularmente nas margens do Pruth, do Cinhur e do Dniester.

Estão representados por várias estações o mustierense, o paleolítico superior, o mesolítico, o neo-eneolítico. Revestem especial interesse os achados mesolíticos de diferentes jazidas da margem direita do Dniester. Uma destas, a de Naslavcea, forneceu mais de mil objectos, alguns dos quais se assemelham aos do paleolítico inferior, outros a modelos neolíticos, especialmente campignienses.

O sr. Morosan está apresentando valiosas contribuições para o conhecimento da prehistória, tão interessante, do seu país.

M. C.

J. KOSTRZEWSKI — *Nouvelles fouilles et découvertes en Poméranie polonaise* — Separ. da «Revue Anthropologique». Paris, 1929.

Os mais antigos vestígios humanos na Pomerânia polaca são da cultura swideriense, contemporânea do madalenense final. De-

pois veem as culturas mesolíticas, representadas pela maglemosense e pela tardenoisense. Esta última, descoberta na região por L. Sawicki e pelo autor, abrange nada menos de 25 estações descobertas no ano de 1928, perto da costa báltica. O sr. Kostrzewski, professor da Universidade de Poznan, ocupa-se neste trabalho com especial desenvolvimento da indústria lítica ali encontrada, a qual é do maior interesse, mas trata também muito desenvolvidamente das culturas do neolítico e megalítica, em especial da distribuição da cerâmica «rubané».

A resenha feita pelo autor, o qual lhe juntou numerosas figuras que representam variados objectos, dá a medida da importância das explorações já realizadas e é de indispensável consulta para qualquer estudo de conjunto sobre as épocas e culturas ali encontradas.

M. C.

PIERRE BOURRINET — *Mes dernières fouilles à la grotte de la Mairie, à Teyjat (Dordogne)* — Extr. do «Bull. de la Soc. Historique et Archéol. du Périgord». Périgueux, 1929.

O autor, que já em 1908 publicara em colaboração com Capitán, Breuil e Peyrony um estudo sobre as pesquisas na gruta de la Mairie, dá neste trabalho a notícia dos resultados das escavações a que êle mesmo procedeu à entrada da gruta, completando as explorações anteriores. Descreve assim três objectos que encontrou: um amuleto formado por um espongiário fossilizado, com orifício de suspensão; uma estalactite gravada; e o fundo duma lâmpada de grés com algumas gravuras de partes de animais.

Trata-se duma estação da época madalenense.

M. C.

COUNT BÉGOUEN — *The magic origin of prehistoric art* — Repr. from «Antiquity». March, 1929.

Lúcida e documentada exposição da conhecida doutrina da origem utilitária, mágica, de arte paleolítica. O ilustre arqueólogo de Toulouse tem apenas dúvidas sobre a significação mágica da arte nalguns pequenos objectos, mas entende poder afirmar que a magia determinou a arte prehistórica preponderantemente em relação a quaisquer outros factores, embora em graus vários.

M. C.

JOSÉ F. MENENDEZ — *La Cueva de El Pindal y sus pinturas rupestres* — Covadonga, 1929.

Novo trabalho, bem ilustrado, sobre a gruta de El Pindal, descoberta em 1908 por Alcalde del Rio e de cujas pinturas também se ocupou já o eminente prehistoriador Breuil.

O infatigável arqueólogo asturiano dá uma descrição sugestiva e pormenorizada da gruta, das condições de acesso e dos seus documentos de arte prehistórica.

M. C.

HENRI BREUIL, M. C. BURKITT and SIR M. POLLOCK — *Rock Paintings of Southern Andalusia. A description of a neolithic and copper age art group* — XII + 88 págs., XXXIII ests., 2 ests. policromas, 54 figs. e 7 mapas. Oxford, 1929.

Mercê do auxílio de esclarecidos beneméritos, os profs. Breuil, Burkitt e Sir M. Pollock reuniram em luxuoso volume (ed. limitada de 400 exemplares) um magnífico repertório das pinturas rupestres neo-eneolíticas da Andaluzia meridional, esperando mais tarde realizar idêntica obra para outras províncias espanholas.

Com especial detalhe é estudada a *Cueva de las Figuras*, com mais de meio milhar de pinturas de seis técnicas distintas, dando em duas estampas policromas o aspecto dos painéis da gruta principal e da passagem que a ela conduz.

De nada menos de 80 grutas ou abrigos se ocupa o resto da obra, apresentando fotografias, estampas, mapas e uma útil seriação dos tipos humanos e animais reconhecidos nas grutas (págs. 5-9 e 29-34).

R. S. P.

COMTE BÉGOUEN — I. *De l'authenticité des objets d'Alvao* (Portugal). II. *A propos des galets coloriés du Mas d'Azil* (Ariège). Extr. du «Bulletin de la Société Préhistorique Française», 8 págs. e 1 est. Le Mans, 1929.

O ilustre prehistoriador tolosano, na primeira nota, reivindica a prioridade, entre os franceses, do reconhecimento por autêntico do espólio de Alvão (dólmen VIII), negando que êle possa justificar os achados de Glozel.

Na segunda nota defende a autenticidade dos seixos pintados azilenses, com a intervenção de Ad. de Mortillet e Vayson de Pradenne.

R. S. P.

A. MORLET — *Glozel* — 1 vol. de 292 págs. e 437 figs. Paris, 1929 — SALOMON REINACH — *Ephémérides de Glozel* — t. II. Paris, 1930.

Depois da decisão da Comissão Internacional do I. I. A. sobre Glozel, das publicações dos srs. Champion, Vayson de Pradenne, Dussaud e Favret, e por fim do relatório do falecido perito policial, sr. Bayle, sobre algumas *tablettes* que teriam sido apreendidas no Museu Fradin, estabeleceu-se indubitavelmente na opinião pública e mesmo em quasi todo o mundo científico a convicção da inautenticidade dos achados de Glozel, que haviam sido proclamados como a mais notável descoberta arqueológica do nosso século.

Apenas os *Cahiers de Glozel*, o livro de Voeltzer, alguns artigos de Cartereau, de Constantinescu, de Tricot-Royer, do *Mercure de France* e do *Aesculape* faziam excepção à regra, quebrando o silêncio desdenhoso que se formara em torno dos famosos achados do Bourbonnais. As descobertas portuguesas de Alvão, que, proclamadas havia anos uma pura mistificação por alguns arqueólogos de nomeada, tinham voltado à tela do debate por causa de Glozel, essas iam ganhando defensores, mesmo entre os anti-glozelianos mais caracterizados, como o conde Bégouen.

Mas Glozel parecia um caso liquidado, se bem que o assunto tinha ainda aspectos obscuros e se não havia chegado a condenar o suposto falsário nos tribunais franceses, embaraçados, a-pesar-de tudo o que se disse e escreveu, para encontrar provas contra o jóven Fradin.

O dr. Morlet — que é inegavelmente um homem inteligente embora os seus adversários o dêem como um obcecado, de longa data iludido por um rude camponês — não se rendeu, entretanto. Temos presente o seu livro documental sobre os achados de Glozel, muitos dos quais eram ainda inéditos. O livro é puramente descritivo e profusamente ilustrado: 437 figuras, nada menos.

Entre estas, encontram-se as de peças que, em vista da atmosfera de desconfiança que se formou, exigiriam um exame imparcial e metuculoso sobre o seu valor documental. A indústria lítica, por exemplo, é escassa, pobre e atípica. Muitas peças cerâmicas apresentam, como sempre dissemos, um estado de conservação

que surpreende. E a abundância de certos grupos de exemplares inspira estranhezas legítimas, embora não dê de pronto certezas senão àqueles que, em vez duma opinião scientificamente rigorosa, tem um mero «parti-pris».

Mas extranho falsário êsse que, para acreditar as suas mistificações, ousaria incluir no conjunto os «ídolos» mono- ou bi-sexuados! De resto, por mais inverosímeis que nos apareçam alguns objectos, há, entre êles, muitos cuja concepção seria prodigiosa em quem não tivesse uma desenvolvida erudição arqueológica. Será êste ou aquele o caso do moço camponês Fradin?

Seja como fôr, certas figuras como as de n.ºs 14, 22, 65, 68, 84, 85, 279, 323, 324, 388, etc., etc., não inspirariam porventura suspeitas se aparecessem em trabalhos sôbre estações arqueológicas incontestadas. Não é certamente o exame de simples ilustrações que pode permitir um juízo, mas a impressão não é desfavorável.

O que concluir? Que se impõe um exame desapassionado e rigoroso sôbre tôdas as peças — sôbre as que parecem falsas e sôbre as que parecem verdadeiras. Algumas destas últimas teriam sido submetidas ao sr. Bayle? O relatório dêste é inatacável?

O sr. Salomão Reinach prosseguiu na publicação das *Éphémérides de Glozel*. Saiu agora o tomo II. O tom polémico, por vezes vivo, substitui-se aí à calma descritiva do livro do dr. Morlet. Entretanto, trata-se dum trabalho interessantíssimo para a história dum debate científico em que, dum lado e doutro, não falta quem mantenha irreduzíveis as posições assumidas no comêço da discussão. Amor próprio, paixão, cegueira, de qualquer das partes? Não fazemos a uns ou outros a injustiça de os supormos todos incapazes duma *amende honorable*, inspirada no reconhecimento da evidência duma demonstração científica. O que tem havido, a nosso ver, é muito barulho e pouca serenidade. Ainda não se esgotou o exame dos variadíssimos aspectos da questão. Ora, a unanimidade não se estabelecerá, não se poderá estabelecer, sem êsse exame. Foi o que sempre pedimos.

No seu novo volume, o sr. S. Reinach refere-se-nos em várias passagens. Surpreende-nos que êle escreva «rien de nouveau» (p. 12) a propósito duma inscrição *inédite* que tivemos a satisfação de publicar. Desejariamos saber onde é que o eminente conservador encontrou a opinião do nosso sábio compatriota, Leite de Vasconcelos, que o sinatário teria apenas reeditado (p. 12). Também devemos dizer que os artigos da *Voz*, de Lisboa, que nos atribui a pp. 34 e 53, não são da nossa autoria, mas da dum redactor científico do jornal, que não conhecemos, mas que é culto e criterioso. Há também um lapso a p. 116: o autor do

artigo dos *Débats*, assinado P. L. não é Philéas Lebesgue, se bem que êste illustre escritor se tenha ocupado muito amavelmente dos nossos trabalhos no *Mercur de France* (p. 52 das *Éphémérides*).

Estas observações não restringem, de modo algum, o interesse real do livro, mas era nosso dever de lealdade fazê-las, embora com todo o respeito que nos merece o autor.

Não nos ocupámos em formular iguais reparos às análises que o sr. Vayson de Pradenne fêz a trabalhos nossos sôbre Alvão e Glozel, no Boletim da Sociedade Prehistórica Francesa. Não valia a pena. O arqueólogo francês mimoseava-nos com o juízo de que estávamos sob o domínio dum «delírio de interpretação». Temos da psiquiatria as noções bastantes para enquadrarmos, se quizermos, no domínio da especialidade a paixão do sr. Pradenne.

M. C.

MARTHE et SAINT-JUST PÉQUART et ZACHARIE LE ROUZIC — *Corpus des Signes Gravés des Monuments Mégalithiques du Morbihan* — 108 págs., 138 ests. e 22 plantas. Paris, 1927.

Esta magnífica obra, equivalente aos *Corpus* epigráficos, apresenta 138 reproduções fotográficas, sem retoque, de petroglifos megalíticos, e 22 planos dos monumentos onde êles se encontram. Para facilitar o exame das fotografias, e a sua leitura, 70 estão recobertas de decalques em papel transparente.

O texto, dos arqueólogos St. Just-Péquart, é prefaciado por C. Jullian; e, sistematizando os sinais recolhidos, expõe e discute as hipóteses da sua interpretação.

Indispensável aos interessados no estudo da glíptica rupestre galaico-portuguesa, muito diferente contudo da arte megalítica bretã, êste compêndio presta óptimo serviço por fornecer documentos autênticos, muitos dêles inéditos, livres da interpretação pessoal inevitável nos desenhos.

R. S. P.

R. P. EUGÊNIO JALHAY — *Algunos ejemplares de arte rupestre en los alrededores de Oya*. (Província de Pontevedra). Boletim de la Com. Prov. de Mon. de Orense. VIII, págs. 305-312, 5 figs. Ourense, 1929.

Como aditamento a um artigo já analisado («Trabalhos», III, pág. 352) o R. P. Jalhay publica mais insculpturas inéditas dos arredores de Oya.

Do já conhecido penedo de *Viladesuso* são reproduzidos: uma figura humana estilizada, cruces simples e uma bipartida, e còvinhas. No monte do Castro encontram-se três grupos de sinais cruciformes, alguns com os braços terminados por còvinhas; e perto de Portucelo há curiosas combinações de figuras circulares.

Deve-se ao ilustre investigador a descoberta de muitas gravuras inéditas nas duas margens do Minho, cuja publicação seria oportuna, para evitar que outros chamem a si a prioridade do achado.

R. S. P.

FLORENTINO L. CUEVILLAS e F. BOUZA BREY — *Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatria em Galiza* — 167 págs., figs. e ests. inums. Extr. dos Arquivos do Seminario de Estudos Galegos. II. A Cruña, 1929.

Não cabe numa curta nota bibliográfica a análise dêste excelente volume, ao qual o R. P. Jalhay dedicou o artigo *Os Eestrimnios, os Saefes e a Ofiolatria na Galiza* (Broteria, IX, pág. 311. Lisboa, 1929).

Na parte arqueológica são tratados com largos conhecimentos e pontos de vista originais, a cultura dolmênica, arte rupestre, idade do bronze e cultura castreja da Galiza e do norte de Portugal. Valorizam o trabalho numerosos inventários, sendo apenas para lamentar a falta dos necessários índices analíticos.

Os AA. focam as relações das culturas do bronze com as da Bretanha e Irlanda, emitindo a hipótese de se basearem em afinidades étnicas (pág. 84); e afirmam o «carácter marcadamente hallstático da cultura castreja», introduzido pela invasão céltica (pág. 120).

Estes capítulos, que são verdadeiramente notáveis, colocam o livro entre os mais apreciados tratados de arqueologia peninsular.

A última parte estuda a ofiolatria na Galiza, examinando o papel da serpente nas religiões, a iconografia e numerosas lendas castrejas. Do desenvolvimento das conclusões parece resultar que «os Saefes associaram o seu vello totem a um deus-sol por elles venerado que mais tarde assimilouse com Xúpiter» (pág. 166).

R. S. P.

*Catálogo dos Castros Galegos. Fasc. III — Terra do Carballiño*, 20 págs., 10 figs. e 1 mapa. Publicazóns do Seminario de Estudos Galegos. A Cruña, 1930.

Já elogiamos o aparecimento dos anteriores fascículos dêste catálogo («Trabalhos», III, pág. 202), e seria excelente seguir esta iniciativa em Portugal.

Desta vez foi escolhida a Terra de Carbalhinho, onde a pequena densidade castreja (8 castros em 53 freguesias) formula interessantes problemas de geografia humana.

No castro de *Cameixa* apareceu cerâmica indígena lisa e ornamentada (círculos concêntricos, dentes de lobo, cordões em relêvo), e na *Cidá* e em *Soutelinho* fôram registadas curiosas portas. Nota-se na região grande abundância de mamôas e uma forte romanização; o folklore é rico.

R. S. P.

W. BUNAK — *The iron age skulls from Sevan district (Armenia)* — «Journal Russe d'Anthropologie», t. XVII. Moscou, 1929.

Tendo como redactor principal o prof. V. Bunack, continua regularmente a sua publicação o «Jornal Russo d'Antropologia». Ele dá bem a medida da actividade desenvolvida no domínio da Antropologia nos meios científicos russos, especialmente no Instituto d'Antropologia da Universidade de Moscou, cuja direcção pertence igualmente ao ilustre professor Bunack.

Os n.ºs de 1929 da importante revista conteem, além de pequenas comunicações, notícias e análises bibliográficas, trabalhos originais de antropologia anatômica, antropologia étnica e arqueologia de V. Sergeiev, A. Gabinsky, M. Voyevodsky, W. Stefko, A. Jarcho, E. Lalaian e W. Bunak. Êste último ocupa-se, num dos seus artigos, duma série de crânios arménios da idade do ferro encontrados em escavações arqueológicas das quais também, na mesma revista, trata pormenorizadamente o sr. E. Lalaian.

Os crânios em questão são nitidamente europeus, dolicocefalos, leptoprósopos, leptorrínicos e mesoconcos. Comparados com os tipos nórdico e mediterrâneo, aproximam-se mais do primeiro, o que leva o prof. Bunak a dizer que a teoria de antigas migrações de elementos nórdicos para leste e sudeste encontrou agora uma confirmação craniológica.

A importância duma tal constatação é evidente, mas o prof. Bunak prudentemente declara que a participação dêsses elementos

na formação ulterior das raças da Ásia anterior deverá ser estabelecida por futuras investigações craniológicas.

M. C.

LUÍS JOSÉ DE PINA GUIMARÃES — *Vimaranes (Materiais para a história da medicina portuguesa — Arqueologia, antropologia, história)* — Dissertação de doutoramento — 1 vol. de 336 págs. e 66 figs. Pôrto, 1929.

O belo volume, publicado pelo sr. dr. Luís de Pina mediante um bem justificado subsídio da Junta de Educação Nacional, é uma notável afirmação do mérito do autor e um documento honroso do nível científico atingido pelos centros de investigação em que esse trabalho foi proba e metodicamente elaborado pelo nável doutor.

O sr. dr. Luís de Pina, como vimaranense, propôs-se estudar um aspecto interessantíssimo da vida local, a história da medicina na região, desde as épocas mais remotas da prehistória de que há materiais susceptíveis de exame, até aos tempos modernos. Já o saúdoso professor João de Meira, também vimaranense, esboçara há anos alguns capítulos sobre o assunto, mas a presente monografia abrange mais latamente a questão, e naturalmente com elementos de que o ilustre professor não pudera então dispôr.

Na parte pre- e proto-histórica, o A. entra em desenvolvimentos que bem cabidos são para um investigador que é conterrâneo de Martins Sarmento. Verifica êle que na medicina popular actual do concelho algumas práticas mergulham as suas raízes em longínqua ascendência. Alude com detalhe à utilização das águas minero-medicinais da região desde a época romana, porventura mesmo desde uma época anterior e afirma que já antes da fundação da monarquia, havia uma *albergaria* junto do burgo de Vimaranes, o qual nasceu no século X duma antiga *villa* romana.

Mas os primeiros *hospitais* propriamente ditos, citados em documentos, datam da época do Conde Henrique. As confrarias e ordens locais sustentariam e administrariam os mesmos, havendo também no concelho *gafarias* para os muitos leprosos.

No século XVI fundou-se o Hospital da Misericórdia de Guimarães, cuja história o autor traça, referindo-se também às epidemias que grassaram na região e às figuras mais notáveis de médicos e cirurgiões vimaranenses ou que ali exerceram a sua profissão ou altos cargos. Entre elas destaca-se Pedro Hispano

ou Pedro Julião, depois Papa sob o nome de João XXI, que foi D. Prior da Colegiada de Guimarães.

Enriquecido por uma séria documentação, por ilustrações numerosas e por uma larga bibliografia, o livro do sr. dr. Luís de Pina recomenda-se também pelo seu valor literário, que torna particularmente atraente a sua leitura.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — *Museu de Martins Sarmento (I-III)* — Sep. da «Rev. de Guimarães», vols. XXXVIII e XXXIX, 27 págs. e 1 fig. Guimarães, 1929.

O dr. Rui de Serpa dá-nos neste trabalho notícia dos *machados de pedra polida*, dos *machados de bronze* e da *terra sigillata*, que fazem parte da excelente colecção arqueológica do Museu da Sociedade Martins Sarmento.

O estudo compreende uma série de notas judiciosas sobre as peças referidas, algumas das quais inéditas.

Trata o dr. R. de Serpa do problema da localização dos centros de fabrico de machados polidos, e apresenta uma interessante sugestão a respeito dos machados de fibrolite.

Ao iniciar o estudo da *terra sigillata*, dá-nos um proveitoso resumo sobre este interessante tipo de cerâmica, nomeadamente sobre a sua cronologia. Por último, estuda várias marcas de oleiro de Briteiros, do Monte da Searinha (Freixo), Portalegre e S. Torquato, dando em gravura a reprodução de algumas delas.

SANTOS JÚNIOR.

MÁRIO CARDOSO — *A Pedra Formosa, do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento* — 36 págs., 7 figs. e 1 est. Sep. da «Rev. de Guimarães», vols. XXXVIII-XXXIX. Guimarães, 1929.

O notável monumento de Briteiros logrou finalmente a divulgação merecida através deste minucioso estudo. De facto, das quatro dezenas de publicações que se referem à Pedra Formosa, nenhuma dá uma reprodução fiel ou a sua descrição detalhada.

O sr. Cap. Mário Cardoso dividiu o seu trabalho nos capítulos: Proveniência; descrição e uso, seguidos duma valiosa bibliografia.

Reconhecendo o carácter indígena da ornamentação, o A. encontra «profundos indícios da influência greco-romana; e, da

análise das opiniões sobre o destino da Pedra Formosa, conclui pelas de mesa de oferendas religiosas ou ara de sacrifícios. Parece-nos contudo que, dentro deste critério, não deve ser totalmente arredada a hipótese de Cabré.

R. S. P.

JOSÉ DE PINHO — A Cidade de Eja — «Penha-Fidelis». Penafiel, 1929.

O proficiente arqueólogo amarantino refere-se neste artigo à Cidade de Eja, próxima de Entre-os-Rios. A capelinha medieval da Senhora da Cidade ocupa hoje o alto da colina em que se erguia o castro, no qual o autor encontrou percutores, pedras com cõvinhas, cacos de cerâmica indígena com impressões digitais e linhas incisas, e restos de cerâmica romana.

Examinando duas inscrições da secção lapidar do Museu Martins Sarmento, estudadas pelo dr. Leite de Vasconcelos, o sr. José de Pinho supõe admissível que uma delas consagrada a *Tameobrigus*, deus do Tâmega, e encontrada nos fins do século XVIII, à beira Douro, nas faldas da Cidade, seria proveniente daquela cidade, que teria o nome *Tameobriga*.

A hipótese do sr. José de Pinho é, sem dúvida, engenhosa, mas carece ainda de demonstração decisiva. Não haverá, de facto, outra cidade à qual a inscrição possa ser atribuída?

Quanto à outra inscrição referida pelo sr. José de Pinho, o próprio autor exprime dúvidas. Na verdade, sendo dada como proveniente de Delães, Famalicão, onde existe o castro de S. Miguel-o-Anjo, pode, aliás, perfeitamente ser originária doutro castro.

Estas dúvidas não restringem o grande interesse do estudo do ilustrado arqueólogo, um dos raros colaboradores da *Portugália*, que ainda sobrevivem felizmente, em plena labuta científica.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — Nótulas ceramográficas — Sep. de «O Arqueólogo Português», vol. XXVII, 8 págs., 2 figs. Lisboa, 1930.

Nota sobre um vaso luso-romano pintado, de Lamego, que juntamente com outros foi em tempos oferecido ao Museu Antropológico do Porto pelo sr. dr. Vasco Nogueira de Oliveira.

Além de três faixas pintadas de castanho avermelhado, com desenhos diferentes, este vaso, que o A. inclui na categoria das

*ampullae*, apresenta um grafito em que se lê RVFINII, vendo-se em seguida uns sinais um tanto delídos, que o sr. dr. Rui de Serpa Pinto supõe diriam (cognomen?).

S. J.

A. SCHULTEN e P. BOSCH GIMPERA — *Fontes Hispaniae Antiquae* — II — 500 a. de J. C. hasta César. Barcelona, 1925.

O segundo fascículo da publicação valiosa que Schulten e Bosch Gimpera empreenderam, com o auxílio da Universidade de Barcelona, para reunir e comentar os mais antigos textos relativos à Península Ibérica, contém trechos de dezenas de autores da antiguidade, alguns dos quais do mais elevado interesse para a proto-história peninsular.

Do primeiro fascículo era a parte mais importante o poema «Ora Maritima», de Avieno, com o comentário de Schulten. O sábio iberólogo alemão revela mais uma vez, no segundo fascículo, a sua erudição extraordinária e uma grande sagacidade crítica na apreciação do valor documental de textos e edições sobre a Península. É possível que alguns dos seus pontos de vista não sejam susceptíveis de adopção sem reservas, mas é negável que a ciência e a visão histórica de Schulten imprimiram um forte avanço aos conhecimentos sobre a antiguidade peninsular.

Merecem todo o elogio o eminente professor Bosch Gimpera e a Universidade de Barcelona pela divulgação dada à notável tarefa de investigador de Numância.

M. C.

AB. VASCO MOREIRA — *Terras da Beira. Cernancelhe e seu Alfoz* — 354 págs. e 39 figs. Porto, 1929.

Os assuntos etnográficos são tocados ao de leve, referindo o A. algumas lendas e superstições conhecidas, entre elas o tratamento da quebradura.

Nos arredores de Cernancelhe encontram-se antas em Quintela da Lapa, Carapito e Orquinha, regista-se o topónimo Antas e tem aparecido alguns machados de pedra polida, o que documenta a fase neo-eneolítica do concelho.

As referências a ruínas castrejas são pouco precisas.

São muito abundantes os restos romanos: troços duma *via*; miliários da Faia, Quinta da Lagoa e Vide; vestígios de vilas; moedas, etc.

Recordemos que já as «Memorias parochiaes de 1758» (O Arch. Port. VII, pág. 238), ao tratar de Cernancelhe, se referem à antiguidade da vila, citando a tradição de ter sido habitada pelos mouros e a existência de ruínas, de muralhas e da Porta do Sol.

R. S. P.

CARLOS DE PASSOS — Pôrto — *Monumentos de Portugal*, n.º 3, 115 págs., 44 ests., 1 planta e 28 figs. inums. Pôrto, 1929.

Descrição pormenorizada da Sé e igrejas de Cedofeita e S. Francisco, baseada em observações pessoais e consulta bibliográfica.

Escasseando documentos arqueológicos que esclareçam a primitiva história do burgo portucalense, não será de extranhar que assinalemos o aparecimento desta contribuição ao estudo dos seus mais antigos monumentos.

A-propósito do «Signum Salomonis» gravado numa pedra da torre setentrional da Sé (pág. 20), e por se tratar de primitivas insculpturas, recordaremos o facto citado por outros AA. de terem ido ricos materiais do Pôrto para Santiago de Compostela (v. g. A. del Castillo. «Bol. de la R. Ac. Galega», ano XXIII, pág. 258).

R. S. P.

SOUSA PEREIRA — *Nervi Splanchnici* (Dissertação de Doutoramento) — 1 vol. de 344 págs. + 20 inumeradas, ilustrado com 168 figs. Tip. Pôrto Médico, L.<sup>da</sup>. Pôrto, 1929.

No Instituto de Anatomia da nossa Faculdade de Medicina, de que é assistente desde 1927, o autor, — numa série de 50 cadáveres, de fetos e adultos, de indivíduos portugueses (além de outros), que dissecou cuidadosamente, — reuniu valiosos materiais que lhe permitiram precisar a origem, percurso, terminação e relações dos nervos esplâncnicos, assunto que servira já de tema a uma sua comunicação apresentada ao III Congresso Nacional de Medicina, em Lisboa reunido em 1928.

No capítulo I da sua obra, menciona o que sobre a morfologia destes nervos escreveram os anatómicos de diferentes épocas, desde Vesálio a Hovelacque e Rossi, para depois estabelecer

a comparação entre as modalidades que observou e as que se encontram descritas nos tratados clássicos.

No capítulo II expõe a técnica empregada nas suas investigações, e no III arquiva a descrição de todos os casos que observou, terminando com uma série de conclusões em que estuda, separadamente, a cadeia ganglionar, os nervos esplâncnicos (*major, minor, imus* e *accessorius*) e sua frequência.

O capítulo IV é consagrado à Anatomia comparativa destes nervos, que o autor dissecou em algumas Aves (Águia, Gaivota e Galinha) e variados Mamíferos, das ordens dos Insectívoros, Roedores, Carnívoros, Artiodáctilos e Primatas, alguns dos quais bastante raros no nosso clima.

Estudados assim os esplâncnicos sob o ponto de vista anatómico, o dr. Sousa Pereira, no capítulo V e último da sua exaustiva monografia, baseando-se numa rica bibliografia e nas suas próprias observações, salienta a importância fisiológica e cirúrgica daqueles nervos, merecendo-lhe especial atenção a sua analgesia e as raríssimas intervenções que sobre eles tem sido efectuadas.

Neste capítulo o autor, havendo realizado estudos detalhados sobre as vias de acesso aos esplâncnicos, apresenta um novo método de acesso, por via infra-diafragmática, o qual, pela facilidade e inocuidade que parece possuir, deve oferecer vantagens ao processo proposto e seguido por Cino Pieri, distinto clínico italiano que muito se tem dedicado à cirurgia do sistema nervoso simpático.

O método que o dr. Sousa Pereira preconiza, fôra já por ele descrito num artigo publicado na «Presse Médicale».

A bibliografia com que fecha o volume compreende 228 números, e as expressivas figuras que ilustram a obra, luxuosamente editada, reproduzem primorosos e artísticos desenhos originais dos assistentes do Instituto de Anatomia srs. drs. Alberto de Sousa e Luís de Pina, e do hábil desenhador sr. Manuel Ferreira.

Para levar a cabo, e com tanto êxito, um estudo desta natureza, são necessárias qualidades de trabalho, de método, de pertinácia e de inteligência, que, continuando a ser aproveitadas pelo autor, lhe permitirão enriquecer notavelmente a literatura científica portuguesa.

O valor da obra, de cujo plano demos o resumo, é de tal ordem que a «Junta de Educação Nacional» subsidiou a sua publicação, concedendo, além disso, ao seu jovem autor uma bolsa de estudos no estrangeiro para que êle possa prosseguir os seus trabalhos, sobre cirurgia experimental do simpático, em

Estrasburgo, com o prof. René Leriche e seu chefe de clínica dr. R. Fontaine, os quais, desde há alguns anos, se tem especialmente dedicado a investigações desta natureza. »

Ao dr. Sousa Pereira enviamos as nossas felicitações.

H. MONTEIRO.

ÁLVARO RODRIGUES — *Ansa Hypoglossi* (Dissertação de Doutoramento) — 1 vol. de 326 págs. + 16 inumeradas, com 196 figs. Tip. Pôrto Médico, L.<sup>da</sup>. Pôrto, 1929.

Para realizar o estudo da Ansa do hipoglosso no português (assunto de que já se havia ocupado numa comunicação ao III Congresso Nacional de Medicina), o autor, assistente do Instituto de Anatomia da nossa Faculdade de Medicina, dissecou, de ambos os lados e cuidadosamente, o pescoço de 50 cadáveres de indivíduos, pertencentes a fetos, crianças e adultos.

Os capítulos I e II foram destinados, respectivamente, para um apanhado bibliográfico (em que são referidas as diversas interpretações e descrições da ansa, desde Vesálio até aos nossos dias) e para uma exposição da técnica seguida pelo autor nas suas numerosas disseções.

No capítulo III encontramos a descrição pormenorizada de tudo quanto foi observado em cada caso, mencionando-se sempre a identidade do indivíduo e lado em que a observação foi colhida. Da conjugação dos resultados, o dr. Álvaro Rodrigues elaborou um resumo, em que aprecia, em conjunto, diversas particularidades, tais como: as anastomoses que o grande hipoglosso contraí com o plexo cervical e pneumogástrico, as características do «descendens hypoglossi» e «descendens cervicalis», as conexões do simpático com este último, os diversos modos de formação da ansa e os ramos desta.

O capítulo IV é dedicado ao exame dos trabalhos anatómo-fisiológicos que vieram revolucionar antigas concepções e demonstrar a estranha proveniência das fibras que constituem a ansa do hipoglosso.

Com o fim de apreender a sua evolução filogénica e interpretar certas disposições encontradas no Homem, dissecou ainda o autor variados mamíferos; estes resultados são incluídos no capítulo V, em que às descrições dos diversos casos acrescenta uma rápida exposição do que apurou através da série animal.

É extensa a bibliografia compulsada e muito belos os dese-

nhos que ilustram o livro, devidos à competência dos drs. Alberto Sousa e Luís de Pina e do desenhador sr. Manuel Ferreira.

O trabalho do dr. Álvaro Rodrigues, cuja publicação foi subsidiada pela «Junta de Educação Nacional», é deveras notável e oportuno, neste momento em que os anatómicos, a exemplo do prof. Loth, se entregam a investigações de Antropologia das partes moles, para cujos progressos ainda há pouco, no Congresso de Londres, se organizou uma Comissão especial.

Reconhecendo as qualidades de inteligência e de trabalho que se reúnem no dr. Álvaro Rodrigues, a quem sinceramente felicitamos, a Junta de Educação Nacional concedeu-lhe também uma bolsa de estudos no estrangeiro, a fim de poder continuar com as suas investigações sobre cirurgia nervosa, nos serviços do prof. Leriche e dr. Fontaine, na Faculdade de Medicina de Estrasburgo.

H. M.

KARLO HILDEN — *Zur Kenntnis der Erbfaktoren der menschlichen Nasenform* — Sep. de «Hereditas». Helsingfors, 1929.

A forma do nariz, expressa pelo índice nasal, é um dos mais importantes caracteres étnicos e, apesar da sua determinação estar feita para quasi todos os grupos humanos, muito pouco se tem feito quanto à sua hereditariedade. Só Fischer e Salaman lhe dedicaram atenção, não tendo podido contudo chegar a resultados definitivos. Para a sua investigação, serviu-se o autor da população da pequena ilha de Runö, na baía de Riga. Depois de estudar os resultados isolados das duas dimensões com que é construído o índice nasal, bem como este mesmo nos dois sexos, passa o autor a estudar a hereditariedade deste carácter antropológico.

Comparando as alturas e larguras nasais de pais e filhos, conclue que estas duas medidas estão condicionadas por vários factores polímeros, dos quais um actua sobre estas dimensões com uma certa intensidade, o que nos indica tratar-se duma polimeria típica cumulativa, segundo a terminologia de Johannsens. Não encontrando correlação entre a altura e a largura nasal, conclue o autor que os factores que condicionam estas medidas são herdados independentemente um do outro.

As diferenças entre estas conclusões e as que chegou Fischer, atribui-as o autor à diferença de métodos empregados.

A. ATHAYDE.

J. A. PIRES DE LIMA — *Vícios de conformação do sistema urogenital* — 1 vol. de 212 págs. + 12 inumeradas, ilustrado com 115 grav. — Araújo & Sobrinho, Suc.<sup>tes</sup> — Pôrto, 1930.

Sob o título acima, o prof. Pires de Lima, director illustre do nosso Instituto de Anatomia, acaba de dar à estampa, em luxuosa e artística edição, um curioso estudo, que dedica aos seus colegas profs. Froilano de Melo e Hernâni Monteiro.

Como o autor refere no prefácio, em todas as línguas cultas (francês, italiano, espanhol, inglês, tcheque, alemão, etc.) se encontram obras de conjunto sobre anomalias e monstruosidades. Só em língua portuguesa é que não havia nenhum trabalho de tal índole. Isso o levou a publicar, em 1927, na « Colecção Natura », um volume intitulado *As anomalias dos membros nos portugueses*, e a editar agora um novo trabalho, desta vez no desejo de dar ideia da contribuição portuguesa para o estudo dos vícios de conformação do aparelho urogenital. E assim, através das páginas do seu belo livro, vemos citado tudo quanto sobre tal assunto há escrito na nossa língua, incluindo várias memórias de autores brasileiros.

No primeiro capítulo, sobre cujo assunto o prof. Pires de Lima fizera já uma conferência na Associação Médica Lusitana, é estudado o hermafroditismo e a inter-sexualidade na literatura, e aqui encontramos interessantíssimas citações desde os livros sagrados até aos prosadores e poetas contemporâneos, com as seguintes palavras finais:

« As mulheres que obedecem à moda procuram disfarçar as suas formas, deprimindo os seios, que já não dão leite para criar os filhos, deixando de salientar a delicadeza da cinta e a amplidão das ancas; não usam brincos; cortam o cabelo, deixando avultar uma espessa madeixa na região massetéica, como que a similar as suíças dos homens de há cinqüenta anos; usam saias travadas, fumam e às vezes empunham uma bengala.

Por outro lado, os homens rapam a barba, perfumam-se, usam cabelo tão crescido como o das mulheres; trazem pulseira; usam calças mais largas do que as saias actuais; e não há muito que ostentavam, sem corar, uns casaquinhos cintados, largos em cima, tufando aos lados da tábua do peito como para receber certos órgãos que tanto realçavam outrora a beleza do outro sexo.

Não há dúvida, não, que a moda vai atrás das aberrações psico-sexuais em que abunda o nosso século. Tem razão o professor belga Winiwarter: a moda actual é bem própria desta época de mulheres feministas e de homens efeminados. E assim se expli-

cará a indigência de tantas manifestações intelectuais e artísticas, a que estamos assistindo ».

O capítulo II é inteiramente consagrado às anomalias dos rins e seus vasos: multiplicidade de artérias, ectopia do rim, rim em ferradura, rim concrecente unilateral, e rim em bolo.

Seguem-se as variações dos ureteres (capítulo III) — duplicidade parcial ou total; e da bexiga (capítulo IV) — divertículo e extrofia, — terminando este capítulo com algumas referências à lei de Pieraccini sobre a maior fixidez somática da mulher e maior variabilidade do homem. E a tal propósito refere o prof. Pires de Lima:

« Souvent femme varie », é certo. « La donna e mobile », com efeito. Mas é incontestável que o homem, sob o ponto de vista morfológico ao menos, é mais variável ainda que a mulher.

A volubilidade feminina foi sempre verificada pelos poetas e o nosso grande Camões assim a exprime tão belamente:

« Nunca ponha ninguém sua esperança  
Em peito feminino, que de natura  
Sòmente em ser mudável tem firmeza ».

Se fôsse dado a uma poetiza cantar a inconstância dos homens, talvez encontrasse bem mais fortes razões ».

O capítulo imediato é inteiramente consagrado às variações da uretra e pénis, apresentando o autor diversos e curiosíssimos casos de mulheres-homens ou seja de pseudo-hermafroditismo masculino.

Estuda a seguir as variações dos testículos (atrofia, criptorquidia, etc.), e dos órgãos genitais femininos (imperfuração do hímen, soldadura dos pequenos lábios, fistulas recto-vaginais, úteros duplos, vaginas duplas, etc.).

De anomalias do períneo posterior apresenta o illustre anatómico portuense alguns casos de imperfuração e de duplicidade do ânus, e interessantíssimas observações de cauda humana.

Num último capítulo são estudados os caracteres sexuais secundários: ginecomastia, polimastia, amastias e hirsutismo feminino, referindo a este propósito a curiosa lenda da Santa Liberata, ou Santa Vilgeforte, da Lusitânia, muito venerada em diversos países da Europa.

O livro termina com um índice alfabético dos autores citados e dos cooperadores.

Grande número de observações registadas nesta obra (a maior parte pessoais) foram utilizadas pelo prof. Pires de Lima, para documentar uma brilhante conferência sobre « As malformações

do sistema uro-genital e a eugénica», pronunciada em 29-XI-1929 na Universidade do Pôrto, a convite da Liga de Profilaxia Social.

Este livro, rico e profusamente ilustrado e em que se destacam as reproduções dos belos desenhos dos drs. Alberto Sousa e Luís de Pina, é mais uma manifestação da incessante actividade científica do erudito prof. Pires de Lima, cuja obra é tão justamente apreciada nos centros universitários nacionais e estrangeiros.

H. M.

LÉON NICOLAEFF — *L'Anthropologie de l'Ukraine* — Tome IV — «Travaux de l'Institut Psychoneurologique Ukrainien et de l'Institut de la Protection de la Maternité et de l'Enfance». Kharkow, 1928.

Trata-se do quarto tomo duma importante série de monografias que dr. Léon Nicolaeff e alguns colaboradores estão publicando sobre a Antropologia da Ucrânia. O primeiro tomo (1926) estudava as crianças ucranianas de idade escolar. Nêle colaboraram L. Nicolaeff, G. Tchoutchoukalo, G. Tchistiakoff, V. Baron, O. Nedrigoloff, M. Fercht e B. Nikitsky, ocupando-se do desenvolvimento físico em geral daquelas crianças, do seu desenvolvimento dos tecidos subcutâneo e muscular, da sua força muscular, dos seus coeficientes de Pignet, do seu desenvolvimento torácico e cefálico, da prega mongólica, etc.

No segundo tomo, os mesmos e outros investigadores trataram das diferenças nacionais e sociais nos caracteres físicos da população da Ucrânia, ampliando êsse estudo com observações sobre operários, camponeses, soldados, criminosos, etc., sendo particularmente interessantes os estudos sobre a influência da fome em certos caracteres físicos.

O terceiro volume engloba vários trabalhos sobre correlações de caracteres físicos, entendendo-se, porém, algumas destas correlações com factos doutra ordem, como as faculdades intelectuais, certas actividades, a idade, etc.

Emfim, o presente volume refere-se às crianças de idade antecessor, publicando estudos de Nicolaeff, M.<sup>me</sup> Nedrigayloff e M.<sup>me</sup> Tchoutchoukalo, sobre o desenvolvimento infantil em vários períodos até aos 8 anos. Uma nota de M.<sup>me</sup> N. Rodd sobre um caso de pseudo-hermafroditismo masculino externo completa êste tomo. Resumos em francês e a tradução francesa das legendas dos quadros estatísticos e das gravuras facultam o conhecimento

dêstes trabalhos a todos aqueles que, como o sinatário, ignoram o russo.

Conclusões valiosas se tiram destas investigações, feitas com métodos adequados e com um tratamento criterioso dos dados estatísticos. Para se ajuizar da importância dos estudos em questão, basta dizer, por exemplo, que, na memória de Nicolaeff sobre a antropometria dos recém-nascidos, os resultados obtidos assentam sobre um belo pecúlio de 17:020 observações, sendo 1:967 judeus, 1:479 ucranianos, 13:574 russos. A idade das mães, a ordem dos nascimentos, as diferenças sociais, etc., são devidamente ponderadas neste trabalho rico em informações de real importância científica e sociológica.

A «Antropologia da Ucrânia» honra o seu principal redactor, os investigadores que com êle colaboram, e os institutos em que tão valiosas pesquisas são levadas a efeito.

M. C.

BARBOSA SUEIRO — Segunda nota sobre a apófise supra-epitrocLEAR — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIII, págs. 143-156. Lisboa, 1929.

Com a descrição de 3 casos portadores de apófise supra-epitrocLEAR, retoma o A. o assunto que já em 1923 tratara, também no «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. VIII, num trabalho denominado «Algumas considerações sobre a apófise supra-epitrocLEAR».

O sumário do trabalho que analisamos, é:

- I — Dois casos de existência da apófise supra-epitrocLEAR unilateral, verificados em cadáveres e um caso de apófise supra-epitrocLEAR bilateral observado no vivo.
- II — A apófise supra-epitrocLEAR nos degenerados, delinquentes e loucos.
- III — Sobre a importância cirúrgica e clínica da apófise supra-epitrocLEAR; a sua pesquisa no indivíduo vivo.
- IV — Sobre o significado morfológico da apófise supra-epitrocLEAR.

Bibliografia com mais de quarenta números e um resumo final em francês valorizam êste trabalho.

S. J.

BARBOSA SUEIRO — *Sôbre a chanfradura e o buraco coracoideus* — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XI, págs. 219-254. Lisboa, 1927.

Trabalho baseado no estudo feito em 416 omoplatas humanas de adulto e criança, e nas omoplatas de algumas centenas de esqueletos de Mamíferos do Museu Bocage. A probidade científica dêste trabalho revela-se mesmo na extensa lista bibliográfica final; nada menos de 116 trabalhos referidos e consultados.

Transcrevemos o sumário dêste estudo que consta dos seguintes capítulos:

- I — A chanfradura coracoideia: sua forma, suas variações segundo o sexo e a idade, estatísticas. O ligamento coracoideu: suas variações. O conteúdo do buraco coracoideu osteo-fibroso.
- II — O buraco coracoideu de contôrno ósseo: sua forma, suas dimensões, suas variações segundo o sexo e a idade, seu conteúdo, estatísticas.
- III — O buraco coracoideu de contôrno ósseo, noutros mamíferos, além do homem.
- IV — O significado morfológico da chanfradura coracoideia, do ligamento coracoideu e do buraco coracoideu de contôrno ósseo.
- V — Súmula sob a forma de conclusões.

É curioso frisar que o A. encontrou um caso de canal infra-coracoideu de A. Tavares numa omoplata direita. Esta curiosa disposição anatómica foi pela 1.<sup>a</sup> vez descrita e estudada pelo sr. prof. dr. Amândio Tavares num exemplar do Instituto de Anatomia do Pôrto e a ela já fizemos referência nos «Trabalhos», vol. III, pág. 366.

Uma tradução francesa das conclusões completa êste valioso estudo.

S. J.

OTTO SCHLAGINHAUPEN — *Zur Anthropologie der Mikronesischen Inselgruppe Kapingamarangi* — «Archiv der Julius Klaus-Stiftung für Veresbungsforschung, Sozial-Anthropologie und Rasenhygiene», vol. IV, fasc. III, 1929.

O autor, ilustre professor da Universidade de Zurich, apresenta-nos um bem elaborado trabalho sôbre os indígenas das ilhas

Kapingamarangi. Depois de muito conscienciosamente e com tôda a minúcia caracterizar a mencionada população, analisa as suas afinidades com as populações vizinhas.

Combinando alguns caracteres, encontrou uma correlação significativa entre a forma da face e a forma do nariz; examinando ainda como variava a forma da cabeça com êstes dois caracteres, pôde distinguir nesta população dois grupos: o elemento A, mesocéfalo, com tendência braquicéfala, face larga e baixa, e nariz largo; e o elemento B, mesocéfalo com tendência dolicocefala, e de face e nariz menos largos. E, depois de verificar que as tradições das origens dêstes indígenas não conferem com as investigações feitas, conclue afirmando que a população das ilhas de Greenwich é de origem micronésica ou polinésica, e que só quando possuímos mais material de comparação da Polinésia e uma limitação mais perfeita entre o tipo polinésico e micronésico é que poderemos destrinçar, com segurança, a sua origem.

É uma importante contribuição para o estudo das populações das ilhas do Oceano Pacífico, que o método e a técnica segura do ilustre director do Instituto de Antropologia de Zurich muito valorizam.

A. A.

DR. H. J. T. BIJLMER — *Outlines of the Anthropology of the Timor-Arquipelago* — 1 vol. de 234 págs. e 99 ests. Weltevreden, 1929.

Esta importante monografia do infatigável antropólogo holandês baseia-se em perto de 800 observações sôbre indígenas dos dois sexos das ilhas de Timor, Flôres, Iumba e outras mais pequenas do arquipélago timorense. O estudo descritivo e métrico é consciencioso e detalhado, as estatísticas bem elaboradas e utilizadas, as ilustrações excelentes.

O autor formula conclusões sôbre as proporções diversas dos elementos malaios e melanésio nas várias ilhas visitadas, aventando opiniões sôbre as origens dos malaios e sôbre a possibilidade de relações dos melanésios com os australianos. Um estudo pelo dr. K. Saller, de Kiel, sôbre 137 espécimes de cabelos da mesma proveniência completa o trabalho do dr. Bijlmer, o qual não deixa de fazer confrontos com os resultados de H. ten Kate nas mesmas regiões.

Na ilha de Timor, o autor fêz observações sôbre os Atoni e os Belos. Estes últimos ocupam sobretudo a parte portuguesa, mas o autor efectuou as suas observações em Atamboca, na parte

holandesa, comquanto perto da fronteira. Teriam sido de oportunidade uma referência aos trabalhos portugueses a respeito dos timorenses e o confronto com os resultados respectivos. O pecúlio de observações de Fonseca Cardoso em Okussi-Ambeno, que utilizámos em trabalhos nossos, é importante. O dr. Bijlmer não menciona sequer essas investigações. Esta omissão, injusta e lamentável num livro tão valioso, não a praticou o eminente professor de Amsterdam, Kleiweg de Zwaan, ao ocupar-se da antropologia das regiões em questão.

M. C.

ALFRED NICEFORO — *La Race et le cancer en Europe* — Extr. da *Rapport présenté au Congrès International du Cancer de Londres*. Juillet, 1928.

Perante as estatísticas, pareceria que o *H. nordicus* é mais atingido pelo cancro do que o *H. alpinus* e este mais do que o *H. mediterraneus*. Mas os materiais existentes e o método estatístico são insuficientes para dar como assente uma relação entre o cancro e as raças.

O sábio italiano aventa a ideia de se estudarem também as relações do cancro com os tipos morfológicos (e endocrinológicos).

Entristece-nos uma passagem, aliás bem justa, do trabalho do eminente professor, ao registar a percentagem da mortalidade pelo cancro em Portugal: «ela é muito baixa, mas como há regiões inteiras em que o número de mortes não certificadas pelo médico e inscritas sob a rubrica causa desconhecida é muito elevado, aqueles números não nos dizem nada».

O estudo a que nos referimos, é o resumo dum importante volume elaborado pelo prof. Niceforo e pelo prof. Pittard e publicado em 1926 pela Sociedade das Nações.

M. C.

EUGENJUZ FRANKOWSKI — *Hakenpflüge in Polen* (texto bilingue polaco e alemão) — Publications de l'Institut d'Ethnologie à l'Université de Poznan (Pologne). N.º 1, 22 págs., 33 ests. e 2 mapas. Poznan, 1929.

Na Polónia encontram-se quasi todos os tipos fundamentais de charruas, designados pelos nomes eslavos *sochy* e *plugi*, e pelo greco-latino *radlo* (arado).

Estudadas as suas características e distribuição geográfica, termina a memória por cuidadas conclusões etnográficas e medidas dos exemplares representados nas estampas fotográficas.

R. S. P.

ALBERTO V. BRAGA — S. Gonçalo. *Culto e lenda das bandas do seu berço* — Sep. de «Gil Vicente». 35 págs. e 2 figs. Lisboa, 1929.

O A., incansável regionalista, sem fazer um Agiológio, conta-nos desta vez a vida de S. Gonçalo comentada pelo culto, lendas e tradições que lhe andam ligadas, revestindo uma das formas mais originais da etnografia portuguesa.

O popular santo tem o seu nome lembrado por pègadas em penedos; lenda da *bengalinha*; cantigas populares, dirigidas ao Santo casamenteiro e por vezes com certa malícia; fontes santas e curiosos ex-votos vendidos na grande romaria de Amarante.

R. S. P.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — *Cancioneiro de Viana do Castelo* — 275 págs. (Capa com motivos regionais). Braga, 1928.

Colecção de 1.500 quadras começadas a coligir no outono de 1916 entre os soldados de Infantaria 3, e completadas com o registo de outras no concelho.

Esta importante achega para o Cancioneiro Geral, além do abundante material que coloca ao dispor dos estudiosos, fornecerá de-certo assunto para novos trabalhos do ilustre compilador.

R. S. P.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — *Cartas às Madrinhas de Guerra* — 182 págs. Pôrto, 1929.

Não é só o capítulo «Gíria da malta» (pág. 28) que anima os conscienciosos estudos do A. sobre as *Gírias militares portuguesas* (I-III, Pôrto, 1926, e IV, Lisboa, 1928).

Por todo o livro, que constitui uma sentida narração, aparecem abundantes elementos de folklore militar.

As páginas vivas da guerra e do cativo mostram bem «o estado de alma dos combatentes das linhas e dos prisioneiros da Alemanha», o que as torna duplamente apreciáveis sob os pontos de vista literário e documental.

R. S. P.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA — *Cancioneiro popular de Vila-Real* — 239 págs. e 1 retr. Pôrto, 1928.

Colectânea, por ordem alfabética, de 1.179 quadras, recolhidas pelo dr. L. Esteves Pereira na freguesia de Parada.

No prefácio é justificada a disposição seguida e são comentadas algumas das melhores quadras.

R. S. P.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA — *Cancioneiro Minhoto* — Vol. I, 157 págs. Colecção Silva Vieira. Espozende, 1917.

Já tivemos ensejo de louvar esta colecção («Trabalhos», IV, pág. 223), digna de aprêço pela desinteressada iniciativa que representa, publicar desde 1890 uma série de colectâneas etnográficas em meio tão ingrato. Talvez por isso o seu director dedica «aos inimigos das tradições» este «rosário de canções do povo, colhidas da tradição oral».

São 700 quadras, quasi todas amorosas, cuja distribuição não obedeceu a princípio prévio. Contam-se algumas com alusões regionais e variantes doutras já registadas.

R. S. P.

PAIXÃO BASTOS — *Cancioneiro Lusitano* — 127 págs. Colecção Silva Vieira. Espozende, 1928.

Arquivo de 522 quadras populares, recolhidas na maioria no Minho. Pena é que grande número se encontre já publicado, até em volumes da mesma colecção, pois, não pretendendo o colector apresentar as melhores quadras portuguesas ou um cancionero regional, dispensável seria a repetição, tão grande é a sua abundância e tanto material permanecendo ainda inédito.

R. S. P.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — *Cancioneiro de S. Simão de Novais* (segunda série) — Sep. da «Rev. de Guimarães», 53 págs. Guimarães, 1929.

Sei um cento de cantigas  
e mais uma sacalhada:  
se as canto hoje todas,  
p'ra amanhã não fica nada...

Quadra n.º 1052.

Muitos centos de cantigas, mais dum milheiro, uma verdadeira sacalhada como diz a quadra que transcrevo do «Cancioneiro de S. Simão de Novais», apresenta, neste trabalho, o jóven mas diligente folclorista sr. F. de C. Pires de Lima.

Foi durante as férias grandes de alguns anos a fio, que o A. colheu em S. Simão de Novais, pequena aldeia minhota do concelho de V. N. de Famalicão, tão abundante como interessante material folclórico.

Na primeira série já publicada há anos também na «Rev. de Guimarães», deu-nos o A. o registo de 478 quadras, seguidas duma rápida, mas curiosa, comparação com trinta e tantas quadras galegas de Ballesteros.

Nesta segunda publicação foi a série elevada a nada menos de 1153 quadras. O registo folclórico elaborado por F. de C. Pires de Lima, fica sendo um dos mais ricos que se tem realizado no Minho.

Esta valiosa colecção de cantigas, é apresentada nesta segunda série por ordem alfabética, disposição muito útil para aqueles que desejem proceder a estudos de comparação.

Oxalá que em trabalhos futuros o A. continue a manifestar o interesse que os assuntos folclóricos lhe tem merecido, como o provam as publicações já feitas.

S. J.

ALBERTO PESSOA — *Ideas médicas de Eça de Queiroz* — (A morte de Amélia e a morte de Luísa), 35 pág. Sep. de «O Instituto», vol. 75.º, n.º 4. Coimbra, 1928.

São tema dêste curioso estudo duas histórias clínicas, como lhe chama o A., que são elaboradas com substancioso rebusco feito em «O crime do Padre Amaro» e em «O primo Bazilio».

No caso da morte de Amélia o sr. prof. Alberto Pessoa mostra-nos, respigando aqui e ali em «O crime do Padre Amaro», que todos os sintomas por Eça de Queiroz apontados levam a

concluir que Amélia morreu manifestamente de eclâmpsia. A origem nervosa da eclâmpsia, que Eça de Queiroz admite e faz transparecer, é inadmissível hoje, mas era ao tempo ainda aceite. «Eça de Queiroz estava pois dentro das ideias do seu tempo escrevendo o que escreveu» como afirma o A.

O caso da Luísa é analisado igualmente à face de trechos reproduzidos de «O primo Bazílio» e que o A. vai ordenando em disposição conveniente.

Este caso, mais complexo que o da Amélia, é por Eça de Queiroz tratado com uma patologia um tanto antiquada.

Os sintomas clínicos da doença são pelo sr. prof. Alberto Pessoa, pesados e discutidos com acêrto. A terapêutica é igualmente analisada. Aquela terapêutica é a que os livros do tempo recomendam no tratamento das meningites. O tratamento relatado, combinado com a evolução da doença, poderia, com um pouco de boa vontade, como diz o A., lembrar um caso de meningite tuberculosa. Afinal, Eça termina por dar Luísa como morta não com uma meningite, como seria lógico perante os sintomas e terapêutica referidos, mas, como diz o prof. Alberto Pessoa, «com uma inverosímil febre causada por um desgosto, entidade mórbida afinal já desacreditada ao tempo em que o autor escrevia».

O sr. prof. Pessoa frisa, ao terminar as judiciosas considerações sobre os casos de Amélia e Luísa estudados, que «as ideias médicas de Eça de Queiroz não são de molde a aumentar nem a diminuir a glória do escritor».

S. J.

ALBERTO PESSOA — S. Pantaleão — 26 págs. Sep. do vol. 74.º, n.º 5 de «O Instituto». Coimbra, 1927.

História dum santo que foi médico, e cujos ossos vieram parar ao Pôrto, trazidos à volta de 1453 por uns arménios cristãos.

S. Pantaleão é o padroeiro da Cidade Invicta. Porisso aos portuenses interessa particularmente o trabalho que sobre a vida, martírio e relíquias daquele santo elaborou o sr. dr. Alberto Pessoa.

S. J.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Os «Fieis de Deus». Sep. da «Lingua Portuguesa», vol. I, 3 págs. Lisboa, 1929-1930.

Neste opúsculo, o sábio prof. dr. Leite de Vasconcelos faz algumas observações a um artigo do dr. Luís Chaves inserto na

revista «Lingua Portuguesa» no qual foram emitidas opiniões acerca das pedras chamadas «Fieis de Deus», que parece não serem mais do que montículos de pedras que serviam para fazer pêso sobre os cadáveres, obrigando-os assim a não ressuscitar e não poderem mais importunar os vivos.

A-pesar-de ter três páginas apenas de texto, êste estudo é indispensável, principalmente para aqueles que leram o trabalho de Luís Chaves sobre êste curiosíssimo assunto.

F. C. PIRES DE LIMA.

LUÍS CHAVES — Páginas Folclóricas (I), sep. do vol. XXVI da «Revista Lusitana», 67 págs. Lisboa, 1927; idem (II), sep. da «Nação Portuguesa», 37 págs. Lisboa, 1929.

O sr. Luís Chaves dia a dia vem enriquecendo a etnografia portuguesa. Na primeira parte das suas «Páginas Folclóricas» faz o estudo da «Canção do Trabalho» tratando sucessivamente do «Trabalho Agrícola», «Pão Nosso», «Azeite Santo» e «Vinho Alegre».

Nestas notas etnográficas discute com felicidade a maneira como o nosso povo encara o problema agrícola, sem dúvida o trabalho que mais de perto interessa a alma nacional. E para êsse fim faz-nos passar pelos olhos uma série de provérbios e quadras populares.

Com a publicação do capítulo II das suas «Páginas Folclóricas», que tem por subtítulo «A sinfonia das côres ou o arco-iris da gama popular», o A. veiu prestar mais um notável serviço à etnografia portuguesa. Mostra-nos nessas judiciosas notas a maneira como o nosso povo interpreta o fenómeno das côres. As suas diferenças, de terra para terra; as modificações nítidas que as côres sofrem de província para província e mesmo da planície para a montanha, tudo isto, e com muito acêrto, Luís Chaves estuda neste seu curioso opúsculo.

É bem como o próprio autor diz: «O esbôço de um capítulo para uma estética etnográfica».

F. C. P. L.